

QUEIROZ, Maurício Vinhas de — *Messianismo e Conflito Social (A Guerra Sertaneja do Contestado: 1912-1916)*. Rio de Janeiro, E. Civilização Brasileira, 1966, 353 pp.

A obra de Maurício Vinhas de Queiroz, lançada pela Editôra Civilização Brasileira em comemoração do cinquentenário do término da guerra sertaneja do Contestado, é a terceira que, nos últimos 10 anos, focaliza os acontecimentos que enlutaram centenas de lares catarinenses e paranaenses. Antecedendo a Maurício Vinhas, os Professores Oswaldo Rodrigues Cabral (Universidade de Santa Catarina) e Maria Isaura Pereira de Queiroz (Universidade de São Paulo) tentaram uma interpretação dos fatos que se desenvolveram entre 1912 e 1916 nos sertões de Santa Catarina e Paraná, utilizando esquemas conceptuais próprios às Ciências Sociais. Ampliando, completando e reformulando os trabalhos anteriores, esta obra é tanto mais oportuna porquanto a quase totalidade dos compêndios referentes à história de nosso País não aborda a chamada "Campanha do Contestado" — o que é uma lacuna lastimável, pois, no auge do conflito, 20.000 brasileiros estavam empenhados na luta, numa área de aproximadamente 28.000 km².

Nessa obra o Autor se propõe entender a dinâmica do movimento messiânico de uma perspectiva teórica, partindo de "uma exposição dos fatos tão fidedigna, clara e completa quanto possível" (MVQ, 1966: 4). Maurício Vinhas conseguiu realizar esse objetivo, e apresentar, fundamentado numa exaustiva coleta e análise de depoimentos, reportagens, documentos, processos etc., o desenrolar dos episódios num quadro extremamente lúcido, facilitando aos intelectuais do país o entendimento de um episódio obscuro de nossa história.

O Autor parte de uma cuidadosa caracterização geográfica e da análise das correntes de povoamento para configurar as bases econômicas e a estrutura da sociedade tradicional, onde se escalonam: "a) coronéis, b) fazendeiros, c) criadores ou meio fazendeiros, d) lavradores, e) agregados, f) peões" (M.V.Q., 1966: 37). Esta primeira parte do trabalho configura o cenário dentro do qual se movimentam curandeiros, puxadores de tórço e "monges", que o Autor caracteriza como "agentes através dos quais aquela sociedade arcaica e patrimonialista acreditava poder alcançar num plano sobrenatural o que lhe era negado pelo atraso técnico ou pela injustiça — real ou imaginária — das relações existentes entre os homens" (M.V.Q., 1966: 51).

O movimento messiânico se configura no momento em que se desencadeia um processo de crise da sociedade sertaneja, que passa a ser envolvida de modo mais direto pelas decisões que emanam dos grandes centros urbanos do país. A canalização para a área em questão dos capitais e da força de trabalho necessária para o estabelecimento da ligação ferroviária com o extremo sul, ao mesmo tempo em que se inicia a exploração dos recursos florestais por companhias estrangeiras provoca o solapamento da base sobre a qual se fundamentava a organização tradicional que era a propriedade da terra. Compreende-se então porque, a partir de um determinado momento, um movimento messiânico que se transforma mais tarde numa guerra franca, promovendo faz do sertanejo um jagunço, "esse demônio de fúria, coragem, inventiva e pertinácia" (M.V.Q., 1966: 2).

Do segundo ao quarto capítulo a obra se desenvolve abordando a formação e desenvolvimento do movimento messiânico e se dirige num crescendo para a explicação de como ele se transforma numa luta pela posse da terra — fato que, segundo o Autor, ocorre pela primeira vez na nossa história. Esse aspecto se manifesta claramente na reivindicação da natureza política que, sob a forma de uma adesão à monarquia e uma oposição à República na verdade expressam o ideal de um "reinado de paz, prosperidade e justiça na terra" (M.V.Q., 1966: 155). Isto é, o ideal de um regime político-social que favorecesse o aparecimento de estruturas democráticas de vida e ação.

A repressão militar que os governos estaduais e federal impuseram ao movimento sertanejo toma os capítulos subsequentes, onde são ressaltados os erros e acertos dos comandantes militares e as técnicas de luta dos caboclos, além da explicitação da constante organização e reorganização da ordem social interna dos redutos, de maneira que se compreende todo o processo de "conscientização cabocla" quanto à ordem tradicional e ao domínio exercido pela "república dos coronéis".

Na sequência dos acontecimentos o Autor teve a preocupação de explicitar descritivamente os fatos mais obscuros, apontando documentação farta, realizando a crítica dessas fontes de informações e estabelecendo conclusões parciais quanto aos episódios mais significativos. Com isto o leitor é levado ao entendimento claro do que foi a guerra sertaneja do Contestado, em termos descritivos.

No capítulo final, Vinhas de Queiroz recoloca as situações fundamentais vistas descritivamente para analisá-las frente a um esquema conceitual a fim de permitir a compreensão da luta do Contestado primeiro como movimento messiânico e, depois, como extravasamento dos limites do próprio movimento, dando origem de um lado à guerra franca e, de outro, ao estabelecimento das bases para o surgimento de uma nova religião. No primeiro caso, o Autor conceitua o movimento messiânico — entendendo este como "um número maior ou menor de pessoas, em estado de grande exaltação emotiva, provocada pelas tensões sociais, (que) se reúnem no culto a um indivíduo considerado portador de poderes sobrenaturais, e se mantêm reunidas na esperança mística de que serão salvas de uma catástrofe universal e (ou) ingressarão ainda em vida num mundo paradisíaco: a terra sem males, o reino dos céus, a cidade ideal..." (M.V.Q., 1966: 287) — e estabelece as diversas fases que no seu entender podem ser analisadas e determinadas, quais sejam: "1) a prenunciação, 2) a vida pública do Messias e sua paixão, 3) a dispersão dos discípulos e surgimento da crença na ressurreição, 4) o reagrupamento dos crentes na esperança de *millenium* e 5) a evolução posterior, com a protelação da *parusia*" (M.V.Q., 1966: 293). É a partir dessa análise da situação interna do movimento que o Autor verifica o esboçar-se de uma nova religião, a *Santa Religião* de José Maria, embora esta tenha sido limitada pela transformação do movimento em insurreição armada. Na prática, afirma Vinhas de Queiroz, "os sertanejos em armas deixaram de ser cristãos. Abandonaram o Deus dos grandes fazendeiros e passaram a tomar por verdadeiro Deus um homem que em vida tinha sido, tal como a maioria deles, caboclo pobre" (M.V.Q., 1966: 299).

O livro de Maurício Vinhas de Queiroz tem assim o equilíbrio exigido à obra científica, pois, além da descrição lúcida e homogênea dos fatos sucedidos nos sertões do Paraná e Santa Catarina, apresenta um coerente esforço teórico que garante o entendimento do sucedido.

Acompanha uma lista de fontes utilizadas por capítulo, uma relação bibliográfica em separado quanto a Livros e Artigos, Depoimentos, Processos Judiciais e Inquéritos, Documentos e Manuscritos e Jornais, além do Índice Toponômico e Dramatic Personal. — SILVIO COELHO DOS SANTOS.

RICCI. Angelo, Guilhermino CÉSAR e Valério ROHDEN — *Benedetto Croce*. Porto Alegre, Faculdade de Filosofia da UFRGS, 1966, 79 pp.

Três conferências, agora reunidas em volume, foram pronunciadas na Faculdade de Filosofia da UFRGS para comemorar, em 1966, o centenário do nascimento de BENEDETTO CROCE. Na primeira delas, Angelo Ricci lembra a dificuldade de sintetizar os ensinamentos do filósofo italiano, por abarcarem todos os campos do conhecimento (literatura, economia, política, história). Situando historicamente o autor, que surge na Itália num momento de crise da cultura européia, A.R. analisa "O Pensamento Filosófico e Estético de Benedetto Croce". Assim, aproxima-o de Vico e nega sua filiação a Hegel, baseado na oposição entre a "idolatria fetichista do puro dado científico e mecânico" (p. 17), em vigor na época, e a primazia absoluta que o filósofo atribuía ao Espírito. Croce, segundo o A., parte da revalorização do homem através da arte, o que nos leva ao estudo de seu pensamento estético, pois Estética deve ser compreendida como teoria da arte. A.R. esclarece então quais os elementos fundamentais dessa teoria, evidenciando os aspectos intuição e expressão; discutindo problemas de técnica e linguagem. divisão em gêneros literários e artísticos, e distinção entre prosa e poesia. Concluindo, enumera outros termos da estética de Croce, acentuando o cunho dinâmico de seu sistema e seu significado, não só para a cultura contemporânea, como para a de nossos dias.

Guilhermino César preocupa-se em definir o "Pensamento e Ação de Benedetto Croce", salientando inicialmente, o primeiro mérito de seus escritos, que é a linguagem dinâmica e emotiva que os caracteriza. Acentua o A. o aspecto personalíssimo da teoria que o filósofo italiano desenvolveu e aperfeiçoou — mais uma de suas características — durante toda a sua vida. Destruindo mitos, revolucionando as concepções de seu tempo, Croce define-se principalmente pelo caráter dinâmico que imprime a seu sistema (um fato é sempre um "devir", "um processo histórico"; a arte não é uma "abstração", é "vida", "ato existencial") e pela primazia que atribui ao Espírito, o que o torna, antes de tudo, um humanista, alicerçado nos princípios da liberdade.

Investigando "O Conceito de Linguagem em Benedetto Croce", Valério Rohden explica em que sentido o filósofo representou um avanço nos estudos lingüísticos, seguindo a linha de Vico e De Sanctis, e rompendo com as concepções tradicionais de linguagem. O problema é discutido minuciosamente pelo A., sobretudo no que se refere à "linguagem da arte", à "essência da linguagem geral" e à "relação entre conhecimento e linguagem". Identificando arte e expressão, pois arte calada deixa de existir, Croce identifica também arte e linguagem. A linguagem seria compreendida, em sua essência, como um fenômeno espiritual, cuja característica primeira seria a unidade e a concretização na expressão (qualquer que seja ela, pois não se distingue a linguagem "bela" da linguagem cotidiana). Este caráter representativo é fundamental, pois é ele que nos leva ao problema do conhecimento, que, por sua vez, também só se realiza na expressão, e expressão lingüística. E, pois, na linguagem, que Benedetto Croce centraliza as discussões